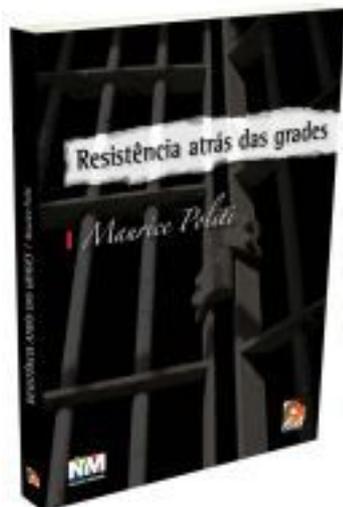


livros recebidos

**POLITI, Maurice.**

Resistência atrás das grades.  
São Paulo: Plena Editorial; Núcleo Memória, 2009, 208 págs.



**Resistência atrás das grades**, de Maurice Politi, mais que um livro, é um documento sobre a luta contra a ditadura instalada no Brasil com o golpe de 1964. Trata-se da transcrição do diário, tal qual o autor o escreveu há 37 anos, durante a Greve de Fome feita por uma parte dos presos políticos em São Paulo, no ano de 1972 e que durou em sua totalidade 39 dias.

Até o presente, esse episódio – sobre o qual são escassos os registros – permaneceu praticamente desconhecido da maioria dos leitores, historiadores e do grande público.

A Greve de Fome, durante o período mais severo do regime militar, conhecido como “os anos de chumbo” foi um ato de resistência ao plano das autoridades da ditadura de dividir, naquele momento, os presos políticos em pequenos grupos, espalhados por diversos presídios no Estado.

De acordo com o que agora vem à luz neste trabalho de Maurice Politi, esse movimento comportou duas fases.

A primeira, de 5 dias (entre 12 e 17 de maio) na cidade de São Paulo com

a participação de 34 homens e 13 mulheres nos presídios Tiradentes, Casa de Detenção do Carandiru e Penitenciária do Estado.

Da segunda, de 9 de junho a 11 de julho, participaram 32 presos homens, que se encontravam na Casa de Detenção do Carandiru, e na Penitenciária de Presidente Venceslau, onde o autor estava, transferido de São Paulo em conjunto com três freis dominicanos e mais dois companheiros, sendo que o diário foi escrito lá, acompanhando dia a dia, o que acontecia. Este movimento de rebeldia e resistência não atingiu o objetivo a que tinham se proposto os presos já que continuaram separados em pequenos grupos até o ano de 1976.

Após intensa pesquisa, o autor encontrou documentos que reproduzidos no livro, evidenciam a política carcerária das autoridades militares em relação ao tratamento que se daria aos presos políticos que se “atreviam” a resistir, mesmo estando presos.

O livro esclarece, também pela primeira vez, o papel que teve um grupo de religiosos denominado “O Grupo das Sextas Feiras”, nas discussões internas da Igreja que caracterizaram o período.

Finalmente, a obra revela a diversidade de posições existentes no interior dos presídios políticos a respeito da conjuntura de então e, em consequência, os diversos enfoques sobre como deveriam os presos resistir às arbitrariedades cometidas pelas autoridades que comandavam a política carcerária da época.

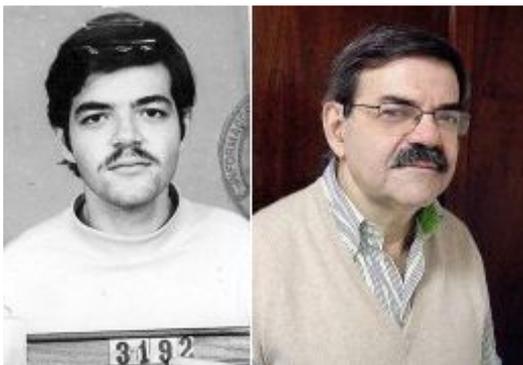
A obra está organizada em cinco capítulos, tendo como seu núcleo central e mais extenso, o diário anotado em 1972. Os demais capítulos incluem, além de uma introdução escrita pelo autor, uma resenha histórica que explica o desenrolar dos acontecimentos até a

eclosão da greve, comentários adicionais sobre o papel da Igreja e, finalmente, um epílogo que trata de analisar esta greve do ponto de vista político hoje.

O prefácio é do Dr. Mario Simas, ativo advogado militante na área de Direitos Humanos e defensor de vários presos políticos na época da ditadura. O posfácio, escrito por Manoel Cyrillo, ex-guerrilheiro e preso político, faz uma análise pessoal do livro.

Constam ainda como anexos, a transcrição de documentos oficiais encontrados em diversos arquivos públicos, além de documentação colecionada pelo autor durante anos, bem como uma importante iconografia e bibliografia.

**Sobre o autor**



**Maurice Politi** nasceu no Egito, filho de uma família de judeus obrigada a deixar a cidade de Alexandria em 1958, durante o Governo Nasser.

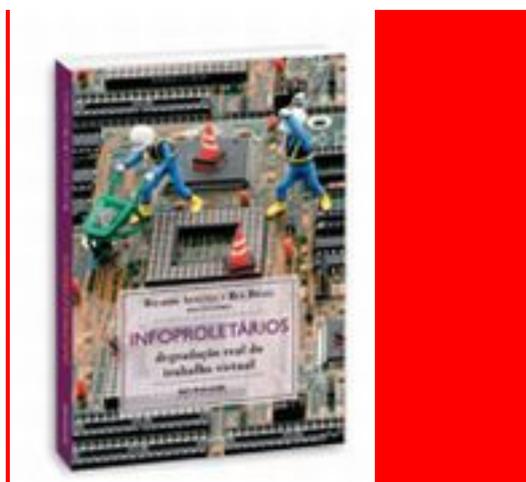
No Brasil, o jovem Maurice acompanhou todos os acontecimentos desencadeados a partir da renúncia do presidente Jânio Quadros, passando – ainda no colegial (Colégio de Aplicação) a interagir ativamente com aquela realidade. É assim que, como outros da sua geração, se formará enquanto militante da esquerda brasileira, a qual passará a integrar organicamente. Primeiro, como militante do movimento estudantil e depois como integrante da área de apoio da Ação Libertadora Nacional – ALN, liderada, entre

outros, por Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira.

Preso em 1970, permaneceu encarcerado por quatro anos, sendo em seguida expulso do País, na condição de apátrida.

Obrigado a viver fora do país e longe do povo que escolhera como seu, rodou o mundo, morando em seis diferentes países em todos os continentes, retornando definitivamente ao Brasil, apenas em 2004.

Hoje, com 60 anos, casado e pai de dois filhos, vive novamente em São Paulo.



**ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy**  
(Orgs.)  
**Infoproletários.**  
São Paulo: Boitempo, 2009, 256 pág.

*Infoproletários* evidencia a associação oculta entre o uso de novas tecnologias e a imposição de condições de trabalho do século XIX em um dos setores considerados como mais dinâmicos da economia moderna, o informacional. Ao contrário do que é prometido pelos entusiastas deste novo segmento, os trabalhadores vivenciam uma tendência crescente de alienação do trabalho em escala global. A obra reúne uma série de ensaios que esquadriham diferentes aspectos da rotina e do modo de vida daqueles

que, apesar de frequentemente arruinarem suas vozes ao transformá-las em poderosos instrumentos de acumulação de capital, raramente são ouvidos.

A classe trabalhadora é retratada neste livro em duas representações polarizadas. De um lado, aparecem os operadores de telemarketing. Globalizados em sua relação social, totalizados em sua subordinação, monitorados em cada um de seus movimentos, punidos por cada infração às regras, resumem e simbolizam os novos trabalhadores atrelados ao resplandecente, porém inatingível, mundo do consumo. Sua imaginação é totalmente circunscrita e dirigida pelo capitalismo.

Já em outro extremo estão os aristocratas do cibertrabalho, os programadores de software, gabando-se e desfrutando de sua autonomia enquanto se movem em espiral pelo espaço e pelo tempo. Eles não são menos prisioneiros da própria individualidade, intoxicados por seu ilusório empreendedorismo.

Segundo Michel Burawoy, sociólogo que assina a orelha do livro, "a obra aponta para a profunda transformação sofrida pela classe trabalhadora e o projeto de movimento internacional operário, ante os parâmetros verificados por Karl Marx em seu tempo. Apenas a articulação entre múltiplas identidades – de gênero, de nacionalidade, de raça, assim como de classe – forjadas em terrenos políticos que transcendam a produção imediata lhes permitirá se rebelar contra o mercado e desafiar o capital global – mas, mesmo assim, apenas em um grau limitado e de uma forma fragmentária. Essa é certamente a mensagem deste livro – que revela a experiência cotidiana vivida por essa nova classe trabalhadora globalizada ligada aos serviços".

#### **Ensaio e autores**

O trabalho do conhecimento na sociedade da informação: a análise

dos programadores de software  
Juan José Castillo

A construção de um cibertariado?  
Trabalho virtual num mundo real  
Ursula Huws

A vingança de Braverman: o  
infotaylorismo como contratempo  
Ruy Braga

O "trabalho informacional" e a  
reificação da informação sob os novos  
paradigmas organizacionais  
Simone Wolff

Os trabalhadores das Centrais de  
Teleatividades no Brasil: da ilusão à  
exploração  
Sirlei Marcia de Oliveira

O desenho do trabalho assalariado em  
empresas fidelizadoras da indústria de  
call centers no Brasil  
Arnaldo Mazzei Nogueira e Fabrício  
Cesar Bastos

Centrais de Teleatividades: o  
surgimento dos colarinhos furta-  
cores?  
Selma Venço

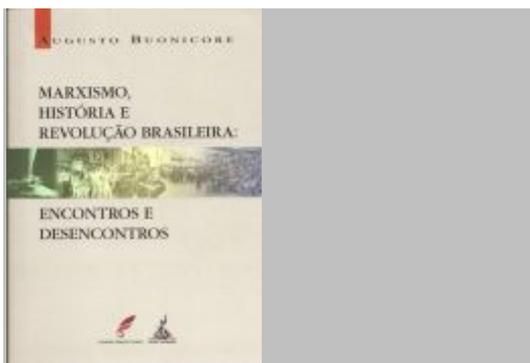
A identidade no trabalho em call  
centers: a identidade provisória  
Cinara Lerrer Rosenfield

As trabalhadoras do telemarketing:  
uma nova divisão sexual do trabalho?  
Claudia Mazzei Nogueira

Trajetórias profissionais e saberes  
escolares: o caso do telemarketing no  
Brasil  
Isabel Georges

Século XXI: nova era da precarização  
estrutural do trabalho?  
Ricardo Antunes

*Apêndice*  
Capital fixo e o desenvolvimento das  
forças produtivas na sociedade  
Karl Marx



**BUONICORE, Augusto**

*Marxismo, História e Revolução Brasileira: Encontros e desencontros*  
São Paulo: Editora Anita Garibaldi e a Fundação Maurício Grabóis, 2009, 320p.

No início da década de 1990 parecia que a revolução estava ameaçada de se transformar em peça de acervo de algum museu das "ideologias perdidas". A própria história esteve por um fio. Chegaram mesmo a

anunciar que ela havia chegado ao fim.

No entanto, felizmente, parece que ambas - história e revolução - venceram seus inimigos. Hoje já se ouve o toque de finados da pós-modernidade, subproduto de um tempo de desesperança. É certo que, neste caso, a morta recusa-se baixar tranqüilamente à sepultura. Precisa ainda que seja empurrada - a pontapés - para dentro. Como as classes proprietárias não abandonam pacificamente as suas posições dominantes, assim fazem também as ideologias por elas engendradas.

Esse livro é uma coletânea de diversos artigos que abordam o processo de formação da nossa sociedade, sob a ótica do marxismo. Em outras palavras, é a retomada do velho debate sobre as peculiaridades da Revolução Brasileira.